



Editorial

O presente número da Revista de Filosofia *Aurora* traz o dossiê Epistemologia e Filosofia da Linguagem, organizado por Bortolo Valle e Léo Peruzzo Júnior. São dez artigos a circunscrever o tema e atualizar o debate acadêmico no horizonte filosófico e, certamente, para além dele no campo das ciências humanas. Trata-se, portanto, de um dossiê oportuno e alvissareiro para os amantes da Filosofia.

O artigo de abertura intitula-se “Indexical *Sinn*: fregeanism and millianism”, de autoria de João Branquinho. No ensaio são discutidos os “dois pontos de vista” acerca da variação notacional com respeito “à referência e ao conteúdo singular indexical”. A partir das concepções de Frege e de Mill, a questão a ser analisada é o confronto entre duas teorias diferentes ou mutuamente antagônicas. Contudo, “essa questão deve ser respondida através de um exame cuidadoso da plausibilidade de cada uma das concepções”, pois está a pendular a dúvida quanto à correção dessas duas concepções — nesse caso, a consequência seria a existência de “uma teoria geral da referência singular”.

O artigo “La virtud abductiva y la regla de introducción de hipótesis en deducción natural” é de autoria de Alejandro Ramírez Figueroa. O texto movimenta-se pela análise de três interpretações e algumas derivações da inferência abductiva, inventada por Peirce. Destaca-se o exame da abdução como uma virtude argumentativa de caráter cognitivo. Tal se dá em diapasão com as teorias contemporâneas das virtudes epistemológicas, extraídas da obra de E. Sosa, e das virtudes argumentativas, conforme Aberdein.

Kleber Bez Birolo Candiotta assina o artigo “Abordagem antirrepresentacionista da ciência cognitiva incorporada”. O autor explora o fato e infere as consequências da constatação de que a “compreensão

da cognição, a partir de uma abordagem incorporada, passou a ter uma versão mais ampliada com o texto *Radical embodied cognitive science*, de Chemero". Na sequência, o artigo conecta a ciência cognitiva e o representacionismo, e segue abordando o tema da "mente incorporada na perspectiva ecológica". O texto se encerra lembrando a posição radical "da ciência cognitiva incorporada", como objeto de defesa de Chemero, sob uma "perspectiva pluralista na epistemologia".

"Estrutura predicativa e significatividade", de Celso Braidia, trabalha com os termos: predicação, frase, conceito, percepção e ação. O objetivo do artigo "é apresentar e discutir algumas propostas de explanação da estrutura predicativa por meio da explicitação da estrutura de papéis temáticos, a partir de conceitos semânticos primitivos". Para tanto, a "estratégia (utilizada) pretende explicar a noção de predicação recorrendo ao esquema função-argumento e a conceitos primitivos, que explicariam os papéis temáticos e as próprias funções semânticas", ressaltando que "de tal modo a relação semântica primitiva seria já conceitual". Para o encaminhamento, a "sugestão será retornar a teoria dos papéis temáticos para justificar a estrutura predicativa, e assim recuperar a noção de conteúdo semântico estruturado". Porém, "fundamentando-a no plano pragmático".

O artigo "A 'concessão dolorosa' de Husserl na segunda edição de *Prolegômenos: a ideia de verdade em si*", de Carlos Diógenes C. Tourinho, cuida das concessões do filósofo no texto em tela, uma vez que a "concessão mais difícil estaria exatamente na manutenção da ideia de 'verdade em si' (*Wahrheit na sich*)". Se, de um lado, Husserl afirma que a "'verdade em si' não poderia depender da constituição da natureza humana, pois tal dependência abalaria o próprio sentido da ideia de 'verdade'", de outro, considera que não poderia deixar de "reconhecer [a] insuficiência da ideia de 'verdade em si'", à medida "em que tal ideia encobriria o importante problema da relação entre o real e o ideal". É sob essa tensão que o artigo se desenvolve.

"Como ser fundacionalista neoclássico quanto à justificação epistêmica", de Kátia M. Etcheverry, trata da confluência de problemas acerca das "diferenças teóricas internalistas da justificação fundacional", partindo das "propostas por defensores do fundacionalismo

contemporâneo de inspiração cartesiana”, sob a denominação de “neo-clássico”. Para a autora a “pedra angular” da análise encontra-se na “noção de *consciência direta*” na busca da “explicação [da] justificação de crenças básicas”, que “pode ser não inferencial e infalível”. O problema refluí para “o desafio de explicar como essa consciência direta pode desempenhar [o] papel epistêmico” que lhe é atribuído, pois tal “aspecto teórico” apresenta-se “particularmente obscuro” nas teorias referidas.

“Razão e ciência após os desafios céticos” é o título do artigo de Gustavo Leal Toledo, que toma como mote inicial os dez anos da publicação do livro *Razão Mínima*¹, obra coletiva em que “autores brasileiros deram sua contribuição para salvar o que ainda existe de racionalidade na filosofia e na ciência”. O autor argumenta que a “busca por uma *Razão Mínima* só se justifica pelo fracasso das tentativas de se fundamentar a ciência e a razão de forma a ligá-las a qualquer conhecimento certo da verdade”. Para tanto, analisa aspectos da filosofia cética, na figura de dois pensadores desta linhagem: Pirro de Elis e Sexto Empírico. A densidade teórica no enfrentamento do problema colocado advém da recorrência a pensadores contemporâneos, alguns partícipes do livro em pauta. No arco conclusivo do artigo, defende-se “uma visão comunitária de razão e ciência”, pois somente sob a perspectiva coletiva o racional pode ser entendido.

Examinando quais teorias da causalidade poderiam explicar a ocorrência de sentimentos em animais e homens, Mariana de Almeida Campos analisa tal proposta em seu artigo “A causalidade na esfera dos sentimentos segundo Descartes”. Deste modo, a autora pretende mostrar que, entre as teorias ocasionalista e interacionista, Descartes não as toma como excludentes, uma vez que a hipótese defendida é a existência de uma relação entre elas. Por isso, tomar a modernidade como propósito estritamente dualista seria um modesto equívoco.

Arturo Fatturi escreve o ensaio “Wittgenstein e Moore: sobre a certeza”. Inicialmente, analisa a “resposta fornecida por Moore ao questionamento... quanto à existência de objetos exteriores a nós”. Em

¹ ROUANET, L. P.; SILVA FILHO, W. J. (Org.). *Razão Mínima*. São Paulo: Unimarco, 2004.

seguida, apresenta a análise da capacidade de Moore “frente à dúvida cética”. Na sequência, passa a considerar criticamente a empreitada de Moore, segundo o ponto de vista de Ludwig Wittgenstein, exposta em sua obra *On Certainty*. O autor conclui que a “análise do ceticismo filosófico, tal como elaborado por Moore e Wittgenstein” possibilita “alcançar clareza quanto ao conjunto de proposições, que fazem parte do sistema” ao qual “as dúvidas e investigações podem ser alcançadas”.

Encerrando o dossiê Epistemologia e Filosofia da Linguagem, Léo Peruzzo Júnior e Bortolo Valle assinam “O limite proposicional como elemento de transição no pensamento de Wittgenstein”. Partindo da constatação de Garver de que “embora a obra de Wittgenstein deva ser tomada como uma terapia sobre o estado de confusão decorrente do mau uso da linguagem”, pode-se “desdobrar dela uma série de observações peculiares”. A apropriação de tal constatação aparece pelo alinhamento ao desejo de evitar a “cegueira filosófica” de “redução dos juízos morais — da ética — a uma questão de valor proposicional”. Desde a interrogação filosófica: “como podemos estabelecer uma dicotomia entre as proposições científicas e os juízos morais?”. A resposta plausível “tornaria possível demarcar o campo da atuação da própria epistemologia”. Para a acuidade da análise da questão em pauta, toma-se em consideração que “embora alguns autores possam apontar para descontinuidade entre o *Tractatus* e os escritos posteriores”, ao longo desse trabalho aponta-se “que tal transição seria marcada pela nova delimitação dos juízos morais, [como] característica que marca a passagem da ética à metaética”.

O Fluxo Contínuo deste número da Revista de Filosofia *Aurora* traz oito artigos: “Um contraexemplo à originariedade das razões em *What we owe to each other*”, de Ana Falcato; “Schopenhauer e Nietzsche: sobre o conhecimento filosófico”, de Eduardo Ribeiro da Fonseca; “Disposición afectiva y la temporalidad en Heidegger entre 1927 y 1930”, de Esteban Lythgoe-Conicet; “A biopolítica no parque humano de Sloterdijk”, de Itamar Soares Veiga; “Freud’s Chows: On transcendental stupidity – a case study”, de Federico Rodríguez; “Intentionality: a philosophical–cognitive approach to mental representations”, Cleverson Leite Bastos e Tomas R. Drukenmolle; e “Sentido y outro

(*autrui*) en Deleuze”, de Borja Castro-Serrano e Gonzalo Montenegro Vargas e “Estudando Tom Zé: Tropicália e o lixo lógico”, de Antonio José Romera Valverde.

Três resenhas fecham o presente número. A primeira resenha, assinada por Bortolo Valle, é a do livro *Brentano e sua escola*, de Mario Ariel Gonzalez Porta, editado pela Loyola em 2014; a segunda, do livro *Kierkegaard's indirect politics: interludes with Lukács, Schmitt, Benjamin and Adorno*, editado em 2014 pela Editions Rodopi B. V, de Amsterdã, foi escrita por Lucas Piccinin Lazzaretti; e, por fim, a terceira resenha, escrita por Iara Lúcia Mellegari, refere-se ao livro de Adriano Correia, *Hannah Arendt e a modernidade: política, economia e a disputa por uma fronteira*.

A novidade a partir deste número da Revista de Filosofia *Aurora* é a inclusão nas edições de duas entrevistas com filósofos contemporâneos de expressão mundial. As primeiras entrevistas são com Peter Singer (Princeton University) e Daniel Dennett (Tufts University), ambas cedidas a Léo Peruzzo Júnior.

Outra novidade é que no próximo ano, em 2015, a Revista de Filosofia *Aurora* se tornará quadrimensal. Essa iniciativa é o resultado de um longo trabalho visando à elevação da qualidade das publicações e do esforço intelectual e material de todos os seus colaboradores: articulistas, pareceristas, membros do corpo editorial, editoria, equipe técnica da Editora Champagnat e Reitoria da PUCPR. A todos, a promessa de mais trabalho e a esperança de alcançar o reconhecimento almejado.

À boa leitura!

Antônio José Romera Valverde (PUC-SP)

Bortolo Valle (PUCPR)

Editores